



O lago dos cisnes

*Lago dos Cisnes, 2019, dimensões variáveis,
ferro, gesso, corda de sisal e tecido metalizado*

No *Lago dos Cisnes* (2019) há uma representação direta, se constrói um ambiente narrativo literal: é um lago com cisnes. Composto por margens de sisal, pedras macias e douradas e cisnes de gesso e ferro, o lago se forma de maneira quase teatral, trazendo uma delimitação no espaço e sujeitos “em cena”, ao mesmo tempo que coloca o observador em uma perspectiva análoga à do público teatral. Não se observa o objeto em sua totalidade, mas um sujeito dentro de uma área delimitada, esse sujeito cisne é o objeto da atenção primeira.

No *Lago dos Cisnes*, uma relação entre o espaço e as pessoas é marcada pela sua escala em conjunção a sua fácil transponibilidade, se transforma ora em um obstáculo, ora em morada, é o lar dos gansos. A corda que delimita as margens do lago não se dispõe como um

obstáculo físico no espaço, permitindo fácil deslocamento para dentro e fora da obra. O limite da instalação enquanto obra de arte se instala, portanto, mais impositivamente do que a própria materialidade da barreira. Ao público é dada a possibilidade de se colocar entre os gansos e de se perceber no meio do lago, despertando a percepção de si naqueles que ocupam este lugar - que não deixa de ser o mesmo ambiente que antes, agora cercado por uma corda naval de sisal.

Aqui fica mais evidente a oscilação do objeto entre uma presença escultórica e instalativa, assumindo diferentes papéis dependendo da circunstância, sem, em todo caso, muita pretensão de acabamento material. Ora um objeto é um objeto em si, ora, deslocado, encontra-se enquanto peça de um conjunto maior. Neste processo o objeto não é transformado materialmente, apenas deslocado e decorrentemente transformado simbolicamente - o mesmo ocorre na equivocada leitura do ganso enquanto cisne, visto que as aves na obra são gansos.

Pouco importa o conhecimento da anatomia dos pássaros. O trabalho, no entanto, não deixa de ser um lago com gansos, uma imagem totalmente desprovida de imaginário cultural e bagagem emocional se comparada ao lago com *cisnes*. Através da reconstituição de uma imagem tão presente no imaginário das pessoas, o lago dos cisnes, o espectador se aproxima de si, aproxima-se de suas lembranças que tem de um lago dos cisnes. Imediatamente ao olhar para a obra se identifica: lago dos cisnes.

É problematizado, então, o papel do espectador, o lago se coloca formal e simbolicamente em um lugar ambíguo, a partir do qual o espectador passa a transitar entre um participante ativo e um observador passivo. Ao olhar o ganso dizem “um cisne”, e ao olhar a corda dizem “uma corda”. Tal contraste entre o imaginário que se projeta sobre esses objetos que compõem a instalação ecoa, transborda e permeia o próprio papel que o público cumpre na obra. Ao mesmo tempo que ele acredita possuir o cisne em ideia, não existe cisne algum. Onde, portanto, existe esse cisne? Ele ocupa o mesmo lugar que o próprio público, os dois têm a mesma existência, refletida na expectativa de um terceiro, que lhe justifica e lhe atribui significado. O ganso que é cisne, que é o branco do sol e o branco dos olhos, o chão da obra, que

é o chão de fora, aquele que entra e toma para si o cisne, são todos exemplos da relação complexa que dois corpos ocupam e do lugar onde ambos existem e acreditam existir.

Andre Barion

São Paulo, 2020